

LICÃO 7 – A VINHA DE NABOTE

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

GÁLATAS 6

7 Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.

- Aqueles que afirmam ser nascidos de novo e seguidores de Cristo e que têm o Espírito Santo (Gl. 6.3), mas ao mesmo tempo deliberadamente semeiam na carne, satisfazendo seus desejos pecaminosos (Gl. 5.19-21), são culpados de zombar de Deus e de desprezá-Lo. Que ninguém se engane: tais pessoas não ceifarão a vida eterna, mas a corrupção (Gl. 6.8) e a morte eterna (Rm. 6.20-23).

- Paulo adverte seriamente os gálatas para não errarem. Paulo muito se preocupava com a apostasia dos crentes gálatas; ele não sabia até que ponto essa apostasia tinha chegado, mas o fato de que estavam se voltando para os falsos mestres e para as doutrinas errôneas só poderia ser-lhes prejudicial, e que teriam que colher uma safra amargosa. Paulo queria que eles não se enganassem a si mesmos e nem fossem iludidos por outros. Faz extraordinária diferença aquilo em que alguém acredita, pois isso é capaz de determinar o que alguém faz. Os crentes gálatas haviam negligenciado o diligente ministério de ensino do apóstolo Paulo, o que muito lhes prejudicaria, porquanto ele era o ministro de Deus a eles enviado e eles tinham a obrigação de dar atenção à sua mensagem.

- A palavra grega aqui traduzida por “erreis” (ARC), ou “enganeis” (ARA), é *planao*, que significa “levar alguém a desviar-se” ou “desviar-se”, na voz passiva. Nos escritos de Paulo, contudo, sempre significa “enganar” (ver 1Co. 6.9; 15.33; 2Tm. 3.13; Tt. 3.3). O engano em que os crentes gálatas laboravam era tanto autoprovocado como era induzido por outros. Permitiam que os falsos mestres os iludissem, e eles mesmos permitiam, propositadamente, que os seus sentidos se embotassem, o que os levava a se desviarem do caminho de Cristo.

- É possível uma pessoa se convencer de que uma outra pessoa esteja andando no Espírito, quando, na verdade, esta pode estar vivendo na carne. Deus não pode ser enganado deste modo. O Espírito é capaz de discernir com precisão os pensamentos e os intentos do coração (Rm. 8.26-27; Hb. 4.12-13).

- Escarnecer, neste texto, é derivado do grego *mukterizomai*, que significa literalmente “virar o nariz para”, “ridicularizar”, “ignorar”. Esta palavra é usada apenas neste texto, mas Lc. 16.14 usa *ekmukterizo*, traduzida na ARC por “zombavam”, mas que também tem o sentido de “desprezar, ridicularizar, torcer o nariz”; este mesmo termo aparece em Lc. 23.35, também traduzida por “zombavam”. Aqui, entretanto, aparentemente, Paulo usa a expressão em um sentido um pouco diferente: o termo aqui parece indicar um tipo de atitude que procura ignorar as leis de Deus com

impunidade. Trata-se de uma espécie de tentativa de ser mais esperto do que Deus, de evadir-se da punição natural e necessária por motivo dessa forma de ações. Porém, conforme o apóstolo nos assegura, ninguém pode escapar dessa maneira, e a própria razão e a intuição nos dão a certeza da mesma verdade, para não falarmos da revelação divina. Zombar de Deus é ato que só existe, realmente, na intenção do homem. Na realidade, porém, ninguém pode zombar do Senhor. E esta verdade intensifica o impacto do presente versículo.

- Paulo estabelece uma metáfora baseada na vida agrícola, à semelhança do que já fizera aos gálatas quando falou dos frutos do Espírito (Gl. 5.22). Muitos dos leitores originais de Paulo estavam perfeitamente cômicos do labor árduo envolvido na produção de uma safra abundante. Sabiam que a safra produzida tinha paralelo direto com o labor dispendido. Também sabiam que as ervas daninhas e as enfermidades podiam ameaçar ou mesmo destruir completamente a colheita. Além disso, sabiam bem como uma colheita abundante poderia ser obtida, se fossem envidados os esforços apropriados, e quão agradável, encorajadora e preciosa poderia ser uma colheita assim.

- Mesmo não tendo nenhum conhecimento sobre agricultura, todo homem sabe que só pode colher aquilo que semear. A semente que ele lançar na terra determinará o tipo de planta que crescerá; e a sua diligência determinará a extensão do crescimento e da fruição de sua lavoura. A negligência e a semeadura de sementes defeituosas naturalmente resultarão em ausência de safra ou em uma colheita inferior. Se alguém plantar ervas daninhas, naturalmente só terá para colher ervas daninhas.

- Cada dia que amanhece é uma nova oportunidade de semearmos o bem, assim como de recolhermos o bem-estar. Por semelhante modo, cada dia pode ser desastroso para nós, pois podemos estar fazendo aquela espécie de semeadura que finalmente nos prejudicará eternamente. A vida, assim, não é nenhum jogo. Antes, é uma questão seríssima, com regras fixas sérias, às quais todos nós precisamos nos sujeitar.

- A vida não é um jogo, porquanto existem leis e regras bem definidas que controlam a existência. E o resultado não depende de meras chances. Antes, quaisquer que sejam os resultados, tudo é consequência do que fazemos e daquilo em que nos tornamos. Ao contrário de ser um jogo, a vida é um investimento. Algumas pessoas se arriscam durante a vida inteira como se fossem viciadas no jogo. Consideremos a parábola dos talentos (Mt. 25.14-29): um homem recebeu cinco talentos; ele não foi jogar com eles, mas investiu-os, e o seu investimento rendeu dividendos; ganhou o dobro do que tinha. Outro homem recebeu dois talentos; ele também não se dispôs a jogar; antes, investiu a importância de que fora encarregado. E o seu investimento também mostrou-se frutífero, porquanto duplicou os seus recursos. Um terceiro homem, porém, que recebera apenas um talento, resolveu não investi-lo; simplesmente guardou-o em lugar oculto; mas isso era contrário à confiança que o seu senhor depositara nele. Sabia que seu senhor era homem severo e exigente, mas resolveu jogar com a possibilidade de que, de alguma maneira, embora estivesse fazendo o que sabia que desagradava ao seu senhor, haveria de pelo menos não perder o talento. E sua esperança era de que seu senhor fosse não justo, mas condescendente, agindo de forma contrária à justiça. Porém, seu jogo e especulação falharam. Seu senhor ficou muito indignado contra ele e lhe tomou seu único talento, e um severo castigo foi o que aquele homem recebeu. O mesmo ocorre com os homens em geral; todos recebem um depósito sagrado, uma missão sem par a cumprir, nesta vida terrena e por toda a eternidade. Cada ser humano será chamado a prestar contas exatas de como ele usou ou abusou de seu elevadíssimo privilégio de possuir a vida, e até mesmo a vida eterna.

- A lei da sementeira (ou princípio da reciprocidade) é, portanto, uma lei infalível e imutável (Gn. 1.11, 12, 21, 24, 25 e 29). Qualquer pessoa ficaria surpresa se plantasse milho e colhesse abóboras. A lei natural diz que colhemos o que plantamos, e isso também é verdadeiro para outras áreas. Aqueles que fazem mexericos a respeito de seus amigos perderão a amizade deles. Toda ação tem uma consequência. Se se planta para satisfazer seus próprios desejos, tem-se uma colheita de tristezas e pecados. Se se planta para agradar a Deus, colhe-se alegria e vida eterna.

- Sem essa lei, não poderia haver esperança alguma da verdade e da bondade serem vencedoras na guerra contra a falsidade e a maldade. Essa lei garante a vitória do bem sobre o mal. Também nos assegura, a nós que nos encontramos na luta em prol da vida piedosa, que essa maneira piedosa de viver é digna de ser vivida, a despeito de quaisquer vantagens temporárias que a vida de pecado nos oferecer. Essa lei nos dá a certeza de que a luta contra o mal vale a pena; pois, de outra maneira, nunca poderíamos ter certeza de que não tem vantagem vivermos para o próprio eu e para a carne. Precisamos ter a certeza de que em algum lugar, em algum tempo, os piedosos serão herdeiros do reino eterno de Deus, de que os piedosos triunfarão. Essa lei garante-nos tal resultado.

- Algumas características da lei da sementeira: 1) ela não é contrária ao princípio da graça; ao contrário, a graça a requer, pois aquele a quem muito é dado, muito é requerido; a graça nos confere os meios para colhermos abundante safra espiritual; 2) ela regulamenta a liberdade cristã e nosso relacionamento com os crentes mais fracos; ninguém pode servir a si mesmo, exibindo seus direitos, e esperar ter uma boa colheita; essa lei envolve responsabilidade na vida, e não o desregramento; 3) ela tem vinculações com o tribunal de Cristo (2Co. 5.10); 4) ela se relaciona com as recompensas e as coroas (2Tm. 4.8); 5) ela não permite a ideia de estagnação espiritual; quando entrarmos no estado eterno, de conformidade com aquilo que tivermos feito, receberemos certo nível de glorificação; todavia, esse estado estará perenemente sujeito a aprimoramento, pois todos os eleitos, finalmente, terão toda a plenitude de Deus (Ef. 3.19), pois, do contrário, o corpo de Cristo seria enfermizo e imaturo, o que significa que a glória de Cristo ficaria diminuída.

- As leis morais, tal qual ocorre com a lei da sementeira, servem de prova tanto da existência de Deus como da existência da alma. É óbvio que, nesta esfera terrena, a justiça nem sempre é feita, a recompensa nem sempre é recebida. Por conseguinte, deve haver uma esfera, além da morte física, onde a justiça impere. Deve haver um Juiz, dotado de capacidade e poder suficientes, bem como de inteligência, capaz de fazer os homens receberem a retribuição positiva e negativa, segundo suas obras boas ou más, respectivamente. Ora, Deus é exatamente esse ser.

- Além disso, deve haver aqueles que receberão a recompensa ou o castigo; porquanto, em caso contrário, o mundo seria um autêntico caos. Ora, a imortalidade garante isso. Todo o ser humano sobrevive à morte física, estando sujeito então ao castigo ou à recompensa eternos. A lei moral garante a imortalidade. E somente essa proposição concorda com a razão e a intuição, para não falarmos da revelação divina.

- O contexto deste versículo fala na sementeira ligada à contribuição com aqueles que ministram a Palavra (ver Gl. 6.6). Essa é uma das coisas exigidas dos crentes; e, se for negligenciada por eles, redundará em juízo. Porém, se um crente semear apropriadamente neste particular, será recompensado em sua colheita, tanto na forma de bênçãos materiais como na forma de vantagens espirituais. Embora o sentido deste versículo seja universal (referindo-se genericamente a todo tipo de sementeira e colheita em nossa vida), a questão da contribuição também é parte integrante do conceito de sementeira aqui referido.

- Uma das verdades envolvidas na expressão “ceifará” é a da ceifa no fim da presente Era. O sentido escatológico parece ocupar a posição central aqui (comparar com Mt. 13.39), mas cada dia certamente envolve a questão da colheita segundo a sementeira. Ou seja, embora o sentido principal seja escatológico, não se pode negar também a aplicação do princípio da sementeira ao nosso dia-a-dia atual.

Texto da leitura bíblica em classe:

1REIS 21

1 E sucedeu, depois destas coisas, tendo Nabote, o jezreelita, uma vinha que em Jezreel estava junto ao palácio de Acabe, rei de Samaria,

- “Estas coisas” são as coisas relatadas no capítulo 20 de 1Reis, ou seja, o fato de Acabe ter sido advertido pelo profeta por ter deixado de matar Ben-Hadade, rei da Síria, como Deus mandara. Deus inclusive proferiu sentença de morte contra o rei israelita, em razão da desobediência. Acabe retornou a Samaria indignado com o profeta.

- É de se notar que, ao ser advertido pelo profeta, em lugar de se arrepender e consertar a sua vida, Acabe se indignou contra o profeta e foi para sua casa desgostoso, não aceitando a correção de Deus. Infelizmente é assim que muitos crentes têm agido atualmente, deixando de receber a correção de Deus e revoltando-se contra o Seu servo que lhe transmite a correção.

- Nabote é relatado como uma pessoa fiel a Deus, pois preservou o Seu mandamento, de que não se deveria vender a herança, pois foi Deus quem a deu aos israelitas. Sua vinha em Jezreel ficava junto ao palácio de Acabe, o maldoso rei de Israel.

- O palácio de Acabe aqui referido é a sua residência de verão em Jezreel (1Rs. 18.45-46), não o palácio de Samaria, a capital, que era, naturalmente, sua principal residência. “Rei de Samaria”, aqui, significa “rei de Israel”, cuja capital era Samaria.

2 que Acabe falou a Nabote, dizendo: Dá-me a tua vinha, para que me sirva de horta, pois está vizinha, ao pé da minha casa; e te darei por ela outra vinha melhor do que ela; ou, se parece bem aos teus olhos, dar-te-ei a sua valia em dinheiro.

- Acabe, fazendo pouco caso das ordenanças divinas e movido por torpe ganância, por uma cobiça desenfreada, desejou possuir a vinha de Nabote, para que lhe servisse de horta. Acabe tinha de tudo, mas não estava satisfeito enquanto não possuía a pequena vinha de Nabote.

- É fácil observar que quem não vive segundo a vontade de Deus é presa fácil da cobiça, da concupiscência, do desejo imoderado de bens, riquezas e honras. Quem se encontra sob o domínio do pecado não consegue controlar seus desejos e instintos, sendo por eles facilmente dominados.

- Isto reforça o fato de que a felicidade do ser humano não tem qualquer ligação com a quantidade de bens que ele possui. Há pessoas felizes mesmo não tendo nada ou quase nada; e há pessoas infelizes mesmo possuindo muitos bens. Semelhantemente, há pessoas felizes tendo muitos bens e pessoas infelizes tendo muito pouco. A grande verdade é que a felicidade não depende, de forma alguma, do quanto se possui. A riqueza não determina a felicidade de

ninguém, e nem a infelicidade, assim como a pobreza não determina a infelicidade, nem a felicidade. A verdadeira felicidade não se acha em bens, só em Cristo.

- Sua oferta parecia justa: outra vinha melhor ou o seu valor em dinheiro, à escolha de Nabote. Entretanto, não podemos ver este caso com os olhos comerciais que temos hoje. Convém notar, primeiramente, que a terra pertencia ao Senhor (Lv. 25.23). Deus pretendeu impedir o comércio perpétuo das terras para evitar a pobreza do povo. No máximo, poder-se-ia vender até o ano do jubileu, quando então a terra voltaria ao seu proprietário original. Garantiu, assim, que cada israelita teria quantidade de terra suficiente para o seu sustento, evitando que a pessoa vendesse suas terras e passasse necessidade. Isso impedia o que acontece hoje: os ricos cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres.

- Ademais, a lei também impedia que a terra fosse vendida a pessoas de outras tribos; cada um só poderia vender a terra dentro da sua própria tribo (Nm. 36.7), o que certamente também foi um fator considerado por Nabote para negar a venda a Acabe.

3 Porém Nabote disse a Acabe: Guarde-me o SENHOR de que eu te dê a herança de meus pais.

- Nabote deu a Acabe a única resposta que lhe era possível: o comércio pretendido não seria possível, pois a vinha era herança de seus pais, da qual ele não poderia se desfazer, por determinação de Deus.

- A lei de Moisés proibia a venda de direitos herdados, exceto em situação extrema, e mesmo assim a propriedade sempre retornaria aos proprietários originais no ano da remissão (Lv. 25.23-25); Nm. 36.7). Davi também acentuou que a terra era do Senhor (Sl. 24.1).

- Naqueles dias, tais heranças dos antepassados que haviam sido passadas adiante por muitas gerações na mesma família eram consideradas sem preço; além disso, desfazer-se dessas coisas era quase que como desfazer-se da própria vida, devido ao valor sentimental que elas possuíam.

- Desta forma, Nabote mostrava ao rei que, acima de valores materiais, estava a fidelidade aos mandamentos do Senhor.

4 Então, Acabe veio desgostoso e indignado à sua casa, por causa da palavra que Nabote, o jezeelita, lhe falara, dizendo: Não te darei a herança de meus pais. E deitou-se na sua cama, e voltou o rosto, e não comeu pão.

- Acabe ficou desgostoso e indignado por não ter sido atendido em seu pedido impossível, revelando-se uma pessoa imatura e mimada, indigna de ser rei em Israel, mas, sobretudo, mostrando-se completamente divorciado da vontade de Deus.

- Note-se que Acabe reconhecia que até ele, como rei de Israel, era obrigado a respeitar a lei de Deus (1Sm. 10.25). Por isso, nada podia o rei contra o seu servo, que estava apenas cumprindo a lei divina.

5 Porém, vindo a ele Jezabel, sua mulher, lhe disse: Que há, que está tão desgostoso o teu espírito, e não comes pão?

- Jezabel, que era muito pior que Acabe, não se conformou em ver seu marido desgostoso; partiu para a ação, forjando um plano maligno para cumprir o desejo de Acabe.

- Sem qualquer escrúpulo, Jezabel mandou matar Nabote, inventando mentiras a seu respeito e derramando sangue inocente sem causa. Note-se que até mesmo um jejum foi proclamado para alcançar o intento criminoso de Jezabel; uma prática religiosa foi usada para dar uma roupagem espiritual ao caso.

- Alguns sugerem que a acusação feita pelos dois “vilões” era que Nabote abandonara a promessa feita em nome de Deus para vender sua terra ao rei. O fracasso em manter um juramento feito em nome de Deus seria blasfêmia. Nesse caso, após a execução de Nabote, o rei podia legalmente tomar posse da propriedade em disputa.

- Os anciãos de Jezreel cumpriram fielmente as ordens de Jezabel e Acabe, sem sequer questionarem os motivos, mesmo conhecendo Nabote e sabendo que se tratava de um homem fiel. Ainda informaram a execução a Jezabel ao final, como se estivessem fazendo algo absolutamente normal. Estavam tão obsequiosos por cumprir as ordens da rainha, que se esqueceram completamente de obedecer aos mandamentos de Deus.

15 E sucedeu que, ouvindo Jezabel que já fora apedrejado Nabote e morrera, disse Jezabel a Acabe: Levanta-te e possui a vinha de Nabote, o jezreelita, a qual ele te recusou dar por dinheiro; porque Nabote não vive, mas é morto.

- Executado o plano maquiavélico de Jezabel, com a complacência dos anciãos de Israel, foi ela a Acabe para lhe dar a notícia de que Nabote já estava morto e que ele já poderia possuir a sua vinha.

- Jezabel era depravada a ponto de justificar o seu crime tão facilmente, como se ela estivesse lavando as mãos de qualquer culpa daquilo que havia feito. A sua única reação ao apedrejamento foi dizer a Acabe para tomar a vinha do homem morto.

- É de se notar que Acabe em momento algum questionou a razão da morte de Nabote. É de se presumir que ele ao menos devia desconfiar do plano de Jezabel. Portanto, Acabe foi cúmplice de Jezabel na morte de Nabote (o que se evidencia de 1Rs. 21.19,20), razão pela qual Elias o repreendeu. Outra prova da participação, ainda que indireta, de Acabe na morte de Nabote é o fato de que Jezabel usou os seus selos para escrever as cartas que ordenaram a sua morte (1Rs. 21.8), o que nos faz entender que Jezabel tinha carta branca para governar em nome de Acabe.

- A Bíblia não informa se Nabote tinha algum herdeiro que, com a morte dele, assumisse legalmente a propriedade da vinha. É certo que os filhos de Nabote também foram mortos junto com ele, conforme consta em 2Rs. 9.26, mas ainda assim pode ter lhe restado algum herdeiro (netos, bisnetos, pais, avós, irmãos, sobrinhos, primos etc). Caso não tivesse, é natural que a propriedade passasse à propriedade da coroa, por meio do instituto jurídico hoje chamado de “herança vacante”. De toda sorte, ainda que Nabote tivesse herdeiros, certamente eles não se oporiam ao apossamento da vinha por Acabe, sob pena de terem o mesmo fim de Nabote.

- Convém observar também que um pecado gera sempre outro pecado mais grave, se o primeiro não tiver sido corretamente tratado e perdoado. Da cobiça de Acabe decorreu a denúncia caluniosa contra Nabote e, em consequência, a sua morte. Se Acabe tivesse se arrependido e

pedido perdão por sua cobiça, o pecado mais grave, com suas terríveis consequências, teria sido evitado.

16 E sucedeu que, ouvindo Acabe que já Nabote era morto, Acabe se levantou, para descer para a vinha de Nabote, o jezreelita, para a possuir.

- Acabe não questionou a morte de Nabote, simplesmente apossou-se da propriedade dele, como se fosse algo normal, como se ele próprio fosse o herdeiro.

- Tal ato não poderia passar em branco; Deus não poderia permitir que tamanho pecado ficasse impune. Por isso Deus arregimentou Elias para confrontar Acabe e Jezabel, avisando-os do fim da sua dinastia e que Jezabel teria o seu sangue lambido por cães naquele mesmo lugar, o que de fato ocorreu (2Rs. 9.35-37).

- Embora todo o plano de Jezabel tenha se passado em oculto, para Deus nada fica em oculto, pois todas as coisas estão patentes diante dEle (Hb. 4.13). Assim, Elias, que nada sabia do caso, foi informado diretamente por Deus para advertir o casal criminoso, tornando o caso público.

- Acabe até se arrependeu do que fez, rasgou as suas vestes e se humilhou. Mas certamente não foi um arrependimento eficaz e duradouro, pois logo voltou ele a fazer o que era mal aos olhos do Senhor.

- A vinha certamente não foi tão maravilhosa e importante para Acabe no fim quanto ele achava que seria. Há quem diga até que Acabe não chegou sequer a usufruir da vinha, pois teria se arrependido e não chegou a descer a ela. Não se sabe ao certo se isso ocorreu, mas é uma possibilidade.

- Por fim, convém notar uma certa semelhança entre o pecado de Acabe e o de Davi, no episódio em que tomou a mulher de Urias, Bate-Seba. Ambos os pecados foram motivados por cobiça dos reis. Em ambos, os reis tinham muito, mas não estavam satisfeitos, desejando indevidamente o que era do próximo. Em ambos os casos, as vítimas foram mortas injusta e covardemente. Por fim, em ambos houve arrependimento, que não afastou, contudo, as consequências do grave pecado.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 4, 2002.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A vinha de Nabote**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GONÇALVES, José. **Lições bíblicas: Elias e Eliseu – um ministério de poder para toda a igreja**. Editora CPAD, 2013.
- GONÇALVES, José. **Porção dobrada**. Editora CPAD, 2012.
- NANTES, Elisa. **A vinha de Nabote**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- NEVES, Natalino das. **A vinha de Nabote**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.